ANO 12.º Sabado, 29 de Março de 1919 Numero 566

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional* R. dos S. Martires—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

A RECOMPENSA

A cidade de Aveiro, historica por tantos feitos e bela por tantos motivos, mereceu do governo da Republica a honrosa distinção do grau de oficial da Ordem da Torre Espada, do Valor, Lealdade e Merito, pelo denodado e estrenuo empenho e valentia com que defendeu as instituições a quando da sublevação dos traidores conceiristas.

Foi nas margens poeticas do Vouga, que serpenteia, espreguiçando-se languido e caprichosamente por entre os lindos campos que fertilisa e em troca lhe matisam as margens onde abundam as papoilas e os malmequeres, que miriades de mariposas, numa confusão estonteante, beijam e acariciam, que os valentes soldados republicanos marcaram com a sua coragem e o seu sangue o limite do avanço dos aventureiros que mediram o espirito nacional pela miseria do seu.

Afirma-se que será o Chefe do Estado o portador do honroso distintivo que, pessoalmente, colocará no estandarte da Camara Municipal, como representante da cidade e concelho.

Se assim fôr, mais oportuna será ainda a ocasião de fazer sentir aos homens do governo a razão que tem Aveiro a que para ele se volvam os olhares de quantos pódem patrocinar e autorisar a realisação de alguns melhoramentos imprescindiveis e cujo inicio, neste momento, implica um acto de justiça e de reparo.

Em primeiro logar temos a necessidade imperiosa de evitar o completo assoriamento da ria, principal factor da riqueza desta região, a qual, devido ao abandono verdadeiramente criminoso a que tem sido votada, está em vesperas de se inutilisar na sua maior parte, pois em muitos pontos é já impossivel acudir-lhe.

Desse grande e unico estuario, colhem-se 5:000 contos por ano dos quaes cêrca de 500 arrecada o Estado.

Bastará, por certo, esta simples indicação para logo se julgar quão urgente se torna que providencias imediatas sejam tomadas no sentido de evitar a perda de tão grande riqueza e as consequencias terrivelmente desastrosas que daí derivariam para nós todos.

Assim, para os poderes constituidos se deve apelar para que nos livrem desse perigo, cada vez mais iminente.

Outro assunto que precisa ser devidamente tratado e que reputâmos um dos mais urgentes, é o que diz respeito á obtenção de edificio proprio e adequado aos serviços dos correios e telegrafos. O que aí está é uma *espelunca*, como justamente o designou um dos muitos jornalistas que entre nós estiveram ultimamente.

Porque se não transforma? Vâmos. Aveiro tem incontestavel direito a ser atendida e agora mais do que nunca em os governos a olharem com olhos de vêr.

Por nossa banda não regatearemos aplausos aos que se juntarem para dar á cidade o relêvo correspondente, quer ás suas tradições de terra liberal, quer á categoria que deve ocupar entre as suas congeneres, banhadas pelo mesmo sol, acariciadas pela mesma luz.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Films...

Em cheio

Acaba de ser extinto, por se reconhecer a sua desnecessidade, o logar de notario creado em maio do ano findo nesta comarca de Aveiro e com o qual se havia abiscoitado o snr. dr. Béla, um dos mais solidos esteios que a monarquia, ao tempo, possuia em Vagos.

Por aqui se vê que de nada valeram os cumprimentos de s. ex.ª e do escrivão da mesma terra, Jaime Lopes, ao sr. governador civil. Ou então não chegaram a horas...

Na Paz

Foram substituidos por outros os delegados portuguezes á Conferencia da Paz, cuja presidencia se acha confiada ao snr. Afonso Costa.

Muitos aplausos, mas quando este requisitou para secretario o snr. José de Abreu, logo houve quem exclamasse: *Valha-nos Deus!*

E foi um correligionario.

Desgraça

A imprensa diaria relatou o caso de uma mulher, no Porto, ter ficado debaixo de um automovel guiado por Henrique Trovoada, morrendo instantaneamente.

Pudéra não. Com um raio de aqueles em cima...

Sensibilidades

O *Jornal de Albergaria* estranha que da sua terra ninguem fale, pois e, que se sente magoadissimo por ter Aveiro abichado condecoração do governo *sem que a dentro ou proximo das suas portas fosse disparado um tiro*, diz que *é o tal caso de uns comerem os figos e a outros rebentarem os beiços.*

O' colega! Por quem é veja se póde ser um poucochinho mais rasoavel, sim? Mesmo porque os *figos* ainda não estão todos distribuidos e ás vezes...

O *padre Sôpas* que diga o resto...

Um telegrama

Oliveira de Azemeis, 26, ás 13 h.

O dr. André dos Reis nas locaes insertas no ultimo numero do Distrito de Aveiro, *referentes á minha pessoa mente e calunia, como provarei no proximo numero do* Democrata.

Lopes de Oliveira
Medico

NÃO ACREDITAMOS

Corre, e alguns jornaes do boato se fizeram éco, que Bazilio Teles, cujo isolamento tem sido notavel, obstinando-se em não fazer parte de ministerios, resolveu agora saír do seu retraimento, pelo que brevemente chegará a Lisboa no intuito de se imprimir uma orientação republicana em conformidade com o seu modo de pensar na presente conjuntura, sendo a noticia recebida com geral alvoroço.

Seria, na verdade, muito para apreciar uma tal resolução, mas não acreditâmos que o velho republicano se resolva, especialmente nesta hora tão atribulada, a envolver-se na actividade politica, que tanta agua pela barba está dando aos mais denodados e jovens lutadores.

Grito de alarme

Subordinado ao titulo—**Novo rumo**—lê-se em *A Capital*, diario republicano independente, de Lisboa:

No seu editorial, intitulado *Maus sintomas*, diz *A Batalha*, orgão da União Operaria Nacional:

Falando claro, e sem tibiezas: O país volta a ser feudo de um partido—precisamente daquele que foi, pelo povo, derrubado revolucionariamente em 5 de dezembro.

Partindo deste principio, *A Batalha* rememora factos de intolerancia e violencia praticados durante o periodo em que o chamado *democratismo* imperou no país, com o protesto quasi geral da nação, protesto que alastrou as fileiras do proprio partido democratico, e lança um grito de álerta contra a repetição que julga se pensa realisar, desse periodo, a cujo caracter se deveu principalmente o exito da aventura politica que teve o seu inicio no parque Eduardo VII.

Muito embora o artigo da *Batalha* possa e deva considerar-se excessivo, e até injusto em certos pontos do seu libelo—por exemplo o da intervenção na guerra—a verdade é que se não póde negar que a impressão nele revelada é realmente sentida por uma grande massa da nação portuguêsa.

O movimento que uniu ha pouco todos os republicanos, no impeto sagrado de atacar a realeza restaurada, não foi um movimento destinado a dar o predominio a nenhum partido politico, e muito menos a restaurar uma situação que, pela sua impopularidade, deu ensejo á revolução de 5 de dezembro que ia fazendo perder ao país o resultado dos seus sacrificios na guerra, e que, por fim, entregou a Republica, quasi inteiramente desarmada, nas mãos dos seus inimigos.

Nós não acreditâmos que em tal se pense. Não acreditâmos que se julgue possivel ressuscitar a oligarquia politica que ia fazendo debandar, aborrecidos e maltratados, os melhores elementos republicanos. Nós queremos, pelo contrario, acreditar que todos os partidos, e em especial o democratico, se encontram dispostos a seguir novo rumo, não deixando que ninguem suponha que se póde servir das organisações partidarias para estabelecer uma especie de mandarinato vitalicio e inamovivel. Se em tal se pensasse, estar-se-iam creando os germens duma reacção futura, e talvez a mais gráve que o país poderia presenciar.

O partido democratico é um partido que tem prestado os mais altos serviços á defêsa da Republica. Como tal é respeitavel. Mas se o partido democratico consentir que dentro dele se estabeleça de novo, autocraticamente, o predominio de mediocridades ambiciosas e odientas, esse partido estará desfazendo com uma das mãos aquilo que fez com a outra.

Tanto as circunstancias internas, como a influencia dos acontecimentos que se desenrolam no mundo, fructo da vitória dos aliados, nos ensinam que é necessario pensar na reorganisação dos partidos, na modificação dos processos politicos, tudo norteado pela noção de que os principios da democracia, com a sua liberdade, com a sua tolerancia, com a sua dignificação da consciencia individual e colectiva, teem de ser afirmados em actos e não apenas em palavras.

Esse espirito é incompativel com as oligarquias, não consente nenhuma especie de tirania, e reage contra a mediocridade triunfante até agora precisamente porque o largo sôpro das ideias ainda não varrera, como está varrendo, todas as convenções, todos os preconceitos, todas as deturpações da propria democracia, emancipadora e imortal.

Na consciencia popular estas verdades fixaram-se, e por isso é que ela tem uma má impressão do caminho que as coisas vão tomando, sobretudo no partido democratico, onde só se vêem aparecer as antigas marcas politicas, que precisamente concitaram contra a influencia e o predominio desse partido uma reprovação quasi geral.

E' ainda tempo de mudar de rumo. Tudo se modifica no mundo. Tambem os partidos teem de modificar muitos dos seus processos e substituir vários dos seus homens. Senão, as mesmas causas produzirão, infelizmente, os mesmos efeitos.

Ainda bem que não sômos só nós a notar quanto de funesto poderá vir a ser para o país o regresso ao passado, isto é, á mesma situação que deu origem aos acontecimentos de 5 de Dezembro e cujas consequencias desastrosas parece não terem servido de lição proveitosa, como claramente o dão a entender *A Batalha* e *A Capital*.

Quer dizer: os politicos continuam a não fazer caso de aquilo que mais os devia preocupar. O prestigio da Republica e os interesses da nação, para eles, são coisa de pouca monta, de nulo valôr. E' inaudito. Revolta, por que, além de tudo, atinge o cumulo da desvergonha.

E não querem que falêmos!

Ah! tratantes que vos escavacâmos se persistis no indecoroso espectaculo que já tantas desgraças tem causado a Portugal.

Beja da Silva

Reassumiu as funções de director dos Orfãos da Misericordia de Lisboa, logar de que fôra violentamente afastado após a revolução de Dezembro, este nosso muito presado amigo, a quem vivamente felicitâmos pelo acto de justiça que a sua reintegração representa.

A homologação do acordão do Supremo Tribunal Administrativo, que anula a demissão do zeloso funcionario, é um documento honrosissimo, verificando-se por ele a inanidade de todas as acusações que serviram de pretexto ao infamante labéu com que se pretendeu enegrecer a vida publica do inteligente servidor do regimen.

CRISE

Isto, positivamente, já não tem concerto, tão pouco se aguentam á frente da publica administração os governos que se constituem e oferecem as melhores garantias do seu republicanismo.

Com a queda do gabinete Relvas sofre um maior abalo, se é possivel, a nossa fé e a esperança que depositavamos nos destinos de Portugal sob a égide da Republica.

Vê-se que não ha maneira dos politicos se entenderem, se harmonisarem, e um país que tem por servidores gente desta naturêsa, é um país perdido, um país lançado ás féras.

A não ser que o povo, num ultimo esforço, num ultimo arranco, se imponha e os faça entrar na ordem.

FELICITAÇÕES

Arquivâmos hoje, com muito reconhecimento, **mais as seguintes:**

Do *Correio da Feira:*

"O Democrata,,

Passou por mais um ano de vida impoluta este presado colega aveirense, que é superiormente dirigido pelo sr. Arnaldo Ribeiro, a quem felicitâmos.

Do *Imparcial*, de Pombal:

Aniversario jornalistico

No dia 28 de fevereiro findo, completou o seu 11.º ano de publicação, o vigoroso semanario republicano de Aveiro *O Democrata*.

Ao denodado campeão da Democracia enviâmos as nossas saudações e os votos muito sinceros pela sua prosperidade.

Do *Cinco de Outubro*, da Regua:

"O Democrata,,

Passou ha dias o 11.º aniversario do nosso brilhante colega aveirense *O Democrata*, semanario independente, cuja direcção é proficientemente exercida pelo snr. Arnaldo Ribeiro.

As nossas felicitações.

Do *Concelho de Albergaria:*

"O Democrata,,

Entrou no 12.º ano de publicidade o nosso presado colega *O Democrata*, que se publica em Aveiro e que é um dos bem redigidos jornaes de provincia.

Ao seu distinto director, snr. Arnaldo Ribeiro, apresentâmos os nossos cumprimentos, desejando ao seu semanario muitas prosperidades e longa vida.

Governador civil

De quasi todos os concelhos teem surgido protestos contra a politica encetada pelo sr. dr. Sampaio Maia, cuja permanencia á frente do distrito nos dizem estar por um fio.

Para tão curta demora quasi que escusava de cá ter vindo.

O "reino,, do Porto

Chegamos, enfim, ao *historico*—talvez mais rigorosamente devesse dizer *histérico*—dia 19 de janeiro.

Como um relampago a noticia corre toda a cidade, confirmada pelo testemunho dos que na Praça da Batalha assistem aos primeiros desacatos á bandeira da Republica pelo famigerado grupo do S. P. S. P., já demasiado conhecido sob a designação de *trauliteiros*, grupo de que era quadrilheiro-mór o celebre *escroc souteneur* Bento Garrett.

Se alguma coisa ha que provoque admiração, se alguma coisa ha que surpreenda e que comova durante esse acto de traição que se chamou implantação da monarquia, não foram as baboseiras dos discursos, nem as que Pereira de Sousa estampou na *Patria*: foi a atitude inesperada de uma cidade inteira que, deante da cilada que lhe armavam, como se um *môt d'ordre* por toda ela tivesse passado numa rajada instantanea de mal contida revolta, deixou seguir, fremente de indignação, mas com o sorriso do desprezo nos labios, a anémica parada que do Monte Pedral se dirigia á Batalha para a ceremonia da proclamação realista.

Pereira de Sousa, no seu jornal do dia 20, mentiu como um cão, mentiu desde a primeira palavra até á ultima, mentiu com quantos dentes tinha na bôca, ao falar do *entusiasmo louco* da multidão pela restauração monarquica

A triste parada parecia mais um cortejo funebre do que um movimento triunfal.

No Monte Pedral, um milheiro de garotos e outro de curiosos assistiam, silenciosos, na mais completa indiferença, á marcha dos acontecimentos.

No trajecto **ninguem, absolutamente ninguem!**

A garotada que costuma acompanhar a rendição da guarda, saltando e assobiando á frente da banda e nada mais.

E nada mais!!!

Assisti á passagem da tropa na Rua de Santa Catarina, á esquina de Fernandes Tomás.

O movimento da rua era o normal, ao domingo.

Meio cento de pessoas, subia ou descia a rua pelos passeios, indiferente ao que se passava.

Um ou outro curioso parava um momento, olhava a força, sorria desdenhoso e seguia o seu caminho.

Ao fundo, na Batalha, notava-se movimento.

A maioria dos curiosos, dirigia-se para ali; mas dos curiosos, não dos manifestantes.

A praça, todavia, estava mais ou menos livre para o transito; ocupavam-na os *trauliteiros*, policia á paisana e a

magra concorrencia de monarquicos que acudiu á proclamação.

Nos passeios, indiferente, silenciosamente indignada a multidão da cidade, a opinião, a Republica, assistindo, os dentes cerrados para não explodir de raiva, ás depradações dos bandidos do S. P. S. P., aos seus insultos, aos enxovalhos a que submeteu a bandeira da Republica.

A proc'amação do jornal *A Patria*, corria de mão em mão, aumentando com as aleivosias e infamias de que vinha pejada, a indignação reprimida da cidade inteira, porque é republicana.

Como se pudessem falar em delapidações os que no seu cadastro teem: a outra metade, o chalet eletrico, a questão Anton, a dos tabacos com sobscritos e sem eles, os adeantamentos á casa real, etc., etc.

Mas do que viria a ser essa monarquia de caixa de surprêsas, mostrava-o o primeiro decreto conjuntamente com a proclamação publicada:

A Junta Governativa decreta o seguinte:

Que sejam reintegrados no serviço do exercito os seguintes oficiaes que nesta data se apresentam ao serviço:

Coronel de Artilharia Henrique de Paiva Couceiro

Tenente-coronel de Artilharia Fernands de Albuquerque (Conde de Mangualde)

Major de Infantaria Martinho José Cerqueira

Major de Infantaria Eurico de Sampaio Saturio Pires

Capitão de Cavalaria Vitor Alberto Ribeiro de Menezes

Capitão de Infantaria Augusto da Conceição Gonçalves

Capitão de Infantaria Alberto Rodrigues Braz

Capitão de Infantaria Fiel dos Santos Ventura Barbosa.

Sabem quem eram os dois ultimos?

Dois antigos sargentões reformados, o primeiro posto fóra do activo e reformado por favor, por se ter *adeantado* no cofre regimental e o segundo posto fóra de amanuense da Misericordia por incompetencia moral e profissional.

Eis o que eram dois oficiaes do exercito a quem a monarquia se entregava!

O Braz acabou como capitão de *trauliteiros*, na Regua, agredindo presos, pois para mais lhe não dava a tarimbeira sciencia.

Do Fiel Barbosa, nunca se soube. Creio que desapareceu antes... de ter aparecido.

Mas, melhor:

A Junta Governativa do Reino de Portugal ordena:

. . . .

8.º—Serão considerados rebeldes e ficarão sujeitos ás sanções e penas correspondentes nos termos do Codigo de Justiça Militar, em processo sumario, todos aqueles que por qualquer maneira contrariem a execução da presente ordem, destruirem linhas ferreas ou telefonicas ou por qualquer fórma se manifestarem hostis ao regimen Monarquico que, nesta data, se restaura em Portugal.

. . . .

5.º—Consideram-se mobilisados e sujeitos á jurisdição militar e respectivo Codigo todos os Empregados dos Correios e Telegrafos e pessoal ferro-viario. A autoridade procederá na repressão de hostilidades, ou recusa de serviço, por meios sumarios, fazendo-se obedecer com o emprego da violencia até aos seus extremos, se tanto fôr necessario, e na medida do necessario.

6.º—Serão afixados em edital os numeros 8.º e 5.º da presente ordem.

Isto lê-se e não se acredita. O sobresalto da opinião republicana foi enorme ao lêr este desafio inepto, esta agressão calculada aos sentimentos dos republicanos. A maioria dos empregados dos correios era adepta ao regimen e, ou esses dedicados patriotas obedeciam como carneiros, calcando sentimentos e consciencia ou a violencia iria até ao extremo (arre malandros!) para que obedecessem.

Era o pano da amostra. Era o começo para a *Paz e a Ordem a que aspirava a grande maioria dos portuguêses*, como afirmava a proclamação assinada por Couceiro e Alegro.

Excepção, pois, da gritaria feita pelos *trauliteiros* e policia fardada e á paisana—os *trauliteiros* calcula-se que fossem uns 800, no Porto—com a garotada, a escoria das sociedades, que sempre ocupa a vanguarda nestas manifestações de barulheira, a proclamação da monarquia fez-se no Porto com o protesto mudo da indiferença e do desprêso duma cidade inteira, que se via ferida, á traição, nos seus sentimentos republicanos, que só por tal maneira podiam ser impunemente traídos.

O Porto, cidade essencialmente republicana, só, como se encontrava, sem chefes, sem forças com que pudesse contar, sem oficiaes, sem grupos de defêsa organisados, teve de assistir de braços crusados a essa farçada ignobil, imposta á força por duas duzias de creaturas sem escrupulos, sem caracter e sem patriotismo, aproveitando-se aleivosamente dum acaso da situação para levar a efeito o assalto das instituições republicanas, que de outra fórma não se daria.

E não se dava porque o regimento 31 era republicano; o regimento 18, com oficiaes monarquicos, eram republicanos soldados e sargentos; em artilharia 6, eram republicanos soldados, sargentos e alguns oficiaes; em infanteria 6, haviam republicanos; na propria guarda, os havia ainda tambem, e em outras unidades, como o deposito de fardamentos, manutenção militar, etc., oficiaes e praças eram republicanos, que não haviam sido presos pela falecida *Junta Militar* com receio de não ter quem lhe comandasse as forças.

A casa de reclusão militar, o Aljube, os subterraneos da Câmara Municipal e o antigo Paço do Bispo abarrotavam de presos desafectos ás Juntas, isto é, de republicanos de categoria e subalternos, quer dizer, de grandes e pequenos chefes.

A implantação fez-se, pois, sem incidente no meio do espanto e do desespero dos republicanos impotentes, que tiveram, todavia, a prudencia de traduzir um sentimento geral de indiferença e de desprêso, que os humilhou, que lhes fez morder os beiços de despeito e que os levo a vingar-se retumbante e miseravelmente dos que tiveram a hombridade de se mostrar intemeratos republicanos.

A' noite afluiu ao centro da cidade uma enorme massa de curiosos, mas de curiosos que os jornaes a soldo da Junta—*Liberdade, Patria* e *Jornal de Noticias*—quizeram fazer passar como manifestantes, mas que se diferençavam bem.

As manifestações compostas de algumas magras creaturas de caceteiros e garotos, com uma banda de fedelhos á frente—a dos petizes do Terço—passava pelo meio da massa popular, que assistia numa curiosidade de comiseração á mascarada, sem se lhe unir nem corresponder ao vivorio roufenho que erguia desesperadamente, como quem quer ser éco de si proprio, por não encontrar outro por qualquer parte que da cidade percorresse.

Isto foi notorio, apontado e salientado, discutido e comentado; isto foi feito sentir por toda a parte para que a todos os cantos do Porto chegasse bem nitido o espirito de solidariedade republicana, já que doutra maneira estavam os republicanos inhibidos de defender o regimen.

Os realistas sentiam todo o frio que se estabelecia em seu torno; sentiram-se desamparados logo desde os primeiros momentos e o deserto que se fazia á sua volta, e, apesar dos esforços sobrehumanos que fizeram para aquecer a multidão, confirmaram com desespero que o povo do Porto não corria ao seu aceno e que as suas *quentes* manifestações passavam como bategas de neve pela multidão que se não mechia, que positivamente se não importava com os manifestantes e que ficava fria, de gêlo, do gêlo despresador, da indiferença que queima, de odio e que mata de furor.

Foi assim que se proclamou a monarquia no Porto, foi assim, mordendo os beiços de despeito pelo despreso do povo republicano pela farçada que passava, que os traidores juravam a vingança que depois se representou tão ignominiosa, como covardemente, no palco do Eden.

Humberto Beça

PELO DISTRITO

O governo encarregou o capitão de infanteria Miguel Pupo Corrêa de proceder com a maxima urgencia a um inquerito aos presos politicos e funcionarios administrativos do distrito de Aveiro e o sr. José Ressano de Azevedo Enes, director de fazenda das colonias, de sindicar os funcionarios de finanças.

Mas para que será isso bom?

Dr. Couceiro da Costa

Que o sr. dr. Couceiro da Costa, ministro demissionario da justiça, tenciona voltar para o ultramar, devendo ser colocado na Relação de Loanda, diz a imprensa de Lisboa.

C do, muito cêdo mesmo, s. ex.ª conheceu, apezar da sua decidida boa vontade, aliada á elevação dos seus sentimentos republicanos, a impossibilidade de fazer valer a pureza e intangibilidade dos são principios que professa.

O ilustre filho desta terra sae do governo com o espirito em revolta por quanto em torno de si se passou, por quanto teve ensejo de avaliar de pequeno, de facioso e, talvez, de indigno.

Não é, não, essa a Republica que o ardente lutador concebêra.

Para nós, preciso não foi ir até onde s. ex.ª esteve para, desgraçadamente, disso ha muito nos convencermos.

FEIRA DE MARÇO

Abriu no dia 25, no vasto campo do Rocio, este mercado anual, que cada vez vai diminuindo mais quer no numero de feirantes quer no numero de compradores.

Em barracas de divertimentos, isso então nem se fala. Uma miseria franciscana!

E está dito tudo.

Os partidos

Referindo-se a um proximo congresso que os democraticos vão realisar em Lisboa no mez de abril, Mayer Garção, o cintilante jornalista da *Manhã*, escreve:

. . . .

O que se passou em Portugal não foi um simples parentesis que se póde encerrar, continuando-se uma oração que dispensa esse incidente. O que se passou em Portugal foi uma série de factos que não ha poder humano que os elimine no seu significado e na sua recordação. **O que se passou em Portugal foi o resultado de muitos erros; o que se passou em Portugal foi uma lição tremenda pela provação que envolveu.** Quem não atender a essa lição não póde ser considerado possuidor de uma verdadeira visão politica.

A muitos elementoss dos partidos republicanos, e em especial aos que pertenceram á situação derrubada em 5 de Dezembro, ouvimos nós dizer, até na imprensa, que se tinham cometido erros que era necessario não renovar. Esta confissão era leal e util. Todos nós podemos errar. O que é deprimente é persistir num erro reconhecido. Tinham razão os que assim falavam, porque a Republica nunca teria passado os dias amargos que passou, nunca teria resvalado até á tentativa de restauração monarquica, se, a certa altura, o povo, este leonino povo de Lisboa, e com ele o da maior parte do país, não se sentisse profundamente magoado com certos factos em que parecia testemunhar-se uma especie de repudio pelas liberdades populares.

Ponhamos a questão nos seus termos: ninguem neste país sabia quem era o snr. Sidonio Paes quando ele se dirigiu para a Rotunda á frente de meia duzia de soldados. Se o seu gesto não foi punido como uma temeridade louca, foi porque o povo não se moveu, o povo não interveio, como ha dois mezes interveio, fazendo o assalto épico de Monsanto, apezar de lá estarem forças bem mais consideraveis do que as da Rotunda. O povo, vendo flutuar uma bandeira republicana, julgou que não necessitava bater-se apenas por um governo republicano. O povo iludiu-se? E' certo, porque o futuro lhe reservava novas e ainda mais dolorosas decepções. Mas o facto é que não se bateu, e a revolução triunfou.

* * *

Triunfou, para em breve enveredar por uma politica absurda e suicida. **Mas triunfou mercê da atitude que os partidos e os governos da Republica haviam tomado, atitude de hostilidade reciproca, em que os principios republicanos eram olvidados, em que a solidariedade republicana se tornara um mito.** Não ha melhor processo politico do que o da verdade. A verdade é esta. **A' organisação dos partidos, á má politica dos partidos, aos processos por eles empregados, que mais pareciam os da velha regedoria monarquica, se deveu uma situação que ia perdendo a Republica.**

Póde-se, por acaso, deixar de atentar nestes exemplos, nesta lição? O povo republicano reclama a republicanisação do Estado. **Não menos deve reclamar a republicanisação dos partidos.** E' preciso que todos se compenetrem de que esses partidos teem de definir os seus programas, e, para que a nação nesses programas confie, programas cuja base necessariamente tem de ser a da obediencia aos principios essenciaes da Democracia, forçoso se torna que ela possa verificar que, nesses partidos, se procede igualmente em obediencia a esses mesmos principios.

Passa pelo mundo uma lufada de emancipação e resgate. Já não é possivel passar-se por cima da noção de independencia que a dignidade humana estabelece e assegura. A disciplina, hoje, é a das ideias. Uma Republica é, deve ser uma Democracia viva e real, em todos os seus aspectos. Abram-se as portas dos partidos a um ar regenerativo e forte, para que eles sejam tambem um futuro da soberania nacional. Só assim poderão encarar a perspectiva das grandes reformas politicas e sociaes que a marcha da civilisação nos impõe.

Como nos sentimos desvanecidos ao vêr num jornal republicano, como a *Manhã*, este punhado de verdades! E' que o *Democrata* foi, talvez, dos unicos jornaes que atacaram com maior veemencia, o democratismo, apontando o perigo que se avisinhava e repudiando toda a solidariedade com aqueles de quem a Republica estava sofrendo os mais duros golpes, tão indignos, tão baixos eram os processos politicos de que se usava e abusava em proveito das *coteries*. Valeu-lhe isso, essa atitude desassombrada as perseguições que toda a gente conhece? Teve de fazer frente á violencia, á tirania com que certos demagogos se apresentaram, em nome do regimen—infamia das infamias!—a combatelo? Que importa, se a Justiça nunca falta onde a Razão tenha estabelecido o seu quartel? E a razão estava do nosso lado; e a razão tinha-a, ás carradas, o *Democrata*.

O novo depoimento de Mayer Garção confirma-o plenamente. Não são precisas mais provas. Estâmos satisfeitos. E se quizerem ter juizo que o tenham.

REVISTA DE INSPECÇÃO

Foram afixados editaes avisando as praças das tropas territoriaes do distrito de recrutamento n.º 24, domiciliadas nas freguesias do concelho de Aveiro, que devem comparecer na secretaria do mesmo distrito nos mezes, dias e horas abaixo indicadas, com as suas cadernetas militares e, na falta de estas, com as cedulas da inspecção (modelo n.º 4) ou com outros documentos que provem a sua qualidade de praças territoriaes, afim de lhes ser passada a revista de inspecção determinada no regulamento geral do exercito.

Senhora da Gloria (Aveiro) em 20 de abril das 10 ás 16 horas; Eirol, idem; Vera-Cruz (Aveiro) em 27; Nariz, idem; Oliveirinha, em 4 de maio; Cacia, idem; Eixo, idem; Esgueira, em 11 do mesmo mez; Arada, idem e Requeixo, idem.

A's praças que se apresentarem em qualquer dos 15 dias anteriores aos fixados para cada freguesia, ser-lhes-á passada a revista, sendo as que faltarem a esta obrigação, punidas nos termos da lei.

Notas mundanas

Fixou residencia na Régua, a snr.ª D. Aurea Vieira Castro, distinta professora e literata de merecimento.

=== Fizeram ontem anos o snr. dr. Samuel Maia, medico em Ilhavo e a menina Filomena Gonçalves Diniz, de Vilar.

=== No proximo dia 1 deve faze-los o sr. dr. Abilio Gonçalves Marques, do partido medico municipal da Costa do Valado e com larga clientela, não só no concelho, mas tambem nos limitrofes, para onde é chamado frequentes vezes.

=== Regressou a Mafra o alferes de infanteria 1, sr. Alberto da Fonseca.

=== Esteve nesta cidade o sr. Antonio Gomes Corrêa Junior, nosso antigo assinante de Cezár.

=== Já se encontra nesta cidade e a fazer serviço como aspirante dos correios e telegrafos na respectiva repartição, o sr. José Vicente Ferreira, filho do nosso velho amigo sr. Tomaz Vicente Ferreira.

A OBRA DETESTADA

E' sob esta sugestiva designação que o orgão da Vera-Cruz diz que foram encarregados de rever toda a detestada obra do dezembrismo os snrs. drs. Barbosa de Magalhães e Catanho de Menezes, acrescentando sempre harmonico com as suas declarações anteriormente feitas:

Como se sabe, toda a legislação sidonista abrange umas dezenas de milhares de decretos que são, do primeiro ao ultimo, a mais demonstrada prova da incompetencia dos respectivos legisladores. Todo o tempo da revisão será mal gasto. Aquilo tem um unico remedio, que é lançar-lhe fogo e deitar-lhe as cinzas ao mar. E' radical.

Pois está visto. Mórmente se da mesma opinião fôr aquele advogado da rua do Sol para quem o orgão apelava em tempos que não vão longe...

Teatro Aveirense

Anunciam-se tres récitas de assinatura para os dias 3, 4 e 5 de abril pela companhia do Nacional, de Lisboa.

Subirão á scena as revistas *Tenho dito*, *Povo soberano*, *Trunfo é paus* e *Reino da traulitania* que teem obtido o maior sucesso.

Os bilhetes acham-se á venda na *Tabacaria Reis*.

NECROLOGIA

Faleceu na segunda-feira, em Lisboa, o snr. Eduardo Serrão, casado, de 36 anos, farmaceutico, filho do sr. Eduardo Serrão, que foi por largos anos director dos correios nesta cidade, onde habita com sua familia.

O falecido moço, um lidimo caracter e aqui muito conhecido, era irmão do snr. Humberto Serrão, empregado superior da Administração Geral dos Correios, que esteve desde o inicio da nossa coadjuvação militar, no *front*, tendo regressado ha pouco.

A toda a familia ferida por tão duro e inesperado golpe, o nosso cartão de condolencias.

* * *

Por carta recebida do Congo Belga, sabemos ter falecido tambem a 18 de janeiro, o snr. Antonio Moreira, que se encontrava em Mandungu, Baixo Uellé, ao serviço da casa dos srs. Borges & Lopes.

A morte deste honrado compatriota nosso foi muito sentida na colonia portuguêsa.

* * *

Vitimado por uma dupla pneumonia, faleceu ante-ontem de madrugada, no edificio do farol da Barra, de que era chefe ha 8 anos, o snr. Antonio Lopes de Melo Simões, 1.º sargento conductor de maquinas da armada, casado, de 41 anos, natural de Lisboa.

Aliando o rigoroso cumprimento do seu dever, á posse dum caracter digno, de elevados sentimentos de afabilidade, foi muito sentido o inesperado acontecimento, que entristeceu todos os seus camaradas e companheiros.

O seu funeral foi muito concorrido, tendo-se encorporado nele contingentes da armada, cavalaria, infanteria e guarda fiscal.

Conduzia a chave do caixão, que ia coberto com a bandeira nacional, o 1.º tenente Tavares da Silva. Uma força de marinheiros, sob o comando do 1.º sargento Ivo da Maia, prestou as honras funebres, fazendo as descargas da ordenança.

Sentidos pêsames á familia.

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 27

Pessoa que do assunto alguma coisa deve saber, diz-nos que o provimento do logar de professora da escola desta localidade não compete já ao sr. inspector Cerqueira, mas sim á circunscrição de Coimbra, a quem nos devemos dirigir.

Pois sim. E' então á circunscrição de Coimbra que cabem as responsabilidades do que está sucedendo e póde vir a suceder de prejudicial para a instrução deste país e, particularmente, na localidade donde escrevemos? Para lá voltaremos as nossas atenções. Hoje não, mas para a semana, se antes não fôr preenchida de qualquer maneira a vaga da snr.ª D. Madalena Figueiredo, abrindo-se de par em par as portas da escola que o desleixo, ou a incuria, ou a inaptidão dos que superintendem no assunto conservam fechadas ha precisamente seis mezes.

Não póde ser. Pelo visto o cavalheiro que pontifica das margens do Mondego só trata no fim do mez de receber o ordenado e, quanto ao resto, tres vezes nove... Põe-se a dormir. Nós, porêm, é que não estâmos dispostos a ser prejudicados com um sôno tão profundo e por isso está resolvido: acorda-lo-êmos.

Como são cada vez mais dignos da nossa simpatia os que trabalham!...

—— Tentou na segunda-feira contra a existencia, disparando um tiro no ouvido, um rapaz ainda novo, de nome David Marques Oiã, morador em S. Bento.

Está livre de perigo. C.